

ANÁLISE PRAGMÁTICO-DISCURSIVA DE CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA SAÚDE: GRAUS DE COMPROMETIMENTO COM O DITO

PRAGMATIC-DISCURSIVE ANALYSIS OF ADVERTISING HEALTH CAMPAIGNS: DEGREE OF COMPLIANCE WITH THE

Jaciara Gomes¹

Resumo: *O artigo apresenta uma análise pragmático-discursiva de campanhas publicitárias, divulgadas em volantes pelo ministério da saúde e secretaria estadual da saúde de Pernambuco. São investigados mais especificamente os graus de comprometimento do produtor com o dito. O objetivo do estudo é desvelar os posicionamentos do autor em relação ao conteúdo que produz, de modo a explicitar interesses presentes na estruturação discursiva. Para tanto, recorreremos fundamentalmente aos estudos de Koch (2004), Neves (1996), Castilho & Castilho (1992) e Hoffnagel (1997), mas também ao trabalho de Fairclough (2001, 2003). Os resultados revelam um grau de comprometimento máximo do produtor, sobretudo, para educar a população e fazê-la aderir ao dito.*

Palavras-chave: *Sentidos do texto; Modalidades discursivas; Campanhas publicitárias da saúde.*

Abstract: *The article presents a pragmatic-discursive analysis of advertising campaigns, published in leaflets by the Ministry of Health and State Secretary of Health of Pernambuco. The producer's levels of commitment to the said are investigated more specifically. The study aims to reveal the author's positionings in relation to the content that he produces, in order to make explicit the present interests in the discursive structurin. To do so, we mainly resort to studies by Koch (2004), Neves (1996), Castilho & Castilho (1992) and Hoffnagel (1997), but also to Fairclough's work (2001, 2003). The results reveal a level of maximum commitment of the producer, above all, to educate the population and make it adhere to the said.*

Key words: *Text senses; Discursive modalities; Health advertising campaigns.*

1 Introdução

Sabendo que os sentidos se produzem no contexto, ou, nos dizeres de Bakhtin (2004), na realidade enunciativa concreta, parece-nos pertinente investigar os graus de comprometimento e distanciamento do produtor do texto em relação ao seu discurso. Essa é a proposta desse artigo, analisarmos o recurso das modalizações ou modalidades deônticas e epistêmicas em campanhas publicitárias da saúde, material produzido pelos governos federal, estadual e municipal para educar a população em saúde.

A seleção do gênero campanha publicitária, mais especificamente de volantes ou panfletos educativos, se justifica porque reconhecemos ser um texto rico neste recurso linguístico, sobretudo em modalizadores deônticos, já que se insere no domínio discursivo

¹ Docente no Curso de Letras e no PROFLETRAS na Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Garanhuns. Doutora em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Garanhuns, Brasil, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7887-3918>>. E-mail: jaciara.gomes@upe.br

instrucional, destinando-se então a ditar normas, leis e conselhos para que o cidadão se mantenha saudável. Portanto, acreditamos, a princípio, que este gênero apresente basicamente os modos imperativo e infinitivo, tipos de lexicalizações muito utilizados no domínio discursivo publicitário.

Nesse sentido, analisamos os graus de envolvimento estabelecidos entre o escritor e o conteúdo discursivo que produz, bem como a sua intenção perante o leitor. Ainda verificamos também que outros interesses estão presentes na estruturação do discurso desse material. A fundamentação teórica está pautada principalmente nos estudos de Koch (2004), Neves (1996), Castilho & Castilho (1992) e Hoffnagel (1997), Nascimento (2010) e nos estudos de Fairclough (2001).

O artigo está organizado de modo a, inicialmente, promover o conhecimento das discussões sobre as modalidades epistêmicas e deontica, na linguística textual, bem como nos graus de comprometimento, discussão desenvolvida também a partir da análise crítica do discurso. Em seguida, realizamos a análise do *corpus* selecionado para essa pesquisa e finalizamos com a apreciação geral da análise.

2 Discussões pragmático-discursivas sobre as modalidades linguísticas

Todo escritor/falante, na construção discursiva, lança mão de certas estratégias linguísticas que revelam seu relacionamento com o que é dito, bem como seus “interesses” com relação ao leitor/ouvinte. Esses recursos — modalidades — são considerados do ponto de vista pragmático como parte da atividade ilocucionária, ou seja, parte do que o falante/escritor faz quando utiliza a linguagem. Nessa área, como afirma Koch (2004), o estudo das modalizações é importante para a construção do sentido, para se compreender a relação entre enunciados e para a análise de textos argumentativos.

Ainda segundo os estudos de Koch (2004, p.75), as modalidades são responsáveis por revelar “a atitude do falante perante o enunciado que produz”. A autora lembra ainda que, segundo Parret (1976, *apud* KOCH, 2004), as modalidades são motivadas através do jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante. É exatamente por essa característica que são estratégias classificáveis e convencionalizadas.

No estudo que realizamos aqui, nos deteremos apenas a dois tipos de modalidades: as epistêmicas e as deonticas. As modalidades epistêmicas se inserem no eixo da crença, “se referem ao conhecimento que tem o escritor/locutor, sua manifestação de crença em relação ao conteúdo veiculado”, como nos exemplos 1 e 2 apresentados mais abaixo; já as

modalidades deônticas se inserem no eixo da conduta, é “a linguagem das normas, aquilo que se deve fazer”, revelando dessa forma a força ilocucionária, como mostrado nos exemplos 3 e 4. Vejamos:

1. “[É bom que] eles tenham gostado da conferência”
2. “... Mas *sol demais* pode levar ao aparecimento de câncer de pele, e isso não é nenhuma brincadeira.”
3. “[Eu ordeno que] você saia daqui.”
4. “Você deve consultar o seu médico.”

Buscando uma maior delimitação sobre os modalizadores, recorremos a Castilho & Castilho (1992) que compreendem três subclasses de modalizadores epistêmicos: os *asseverativos* revelam que o falante julga verdadeiro o conteúdo da proposição P, seja esse afirmativo ou negativo não deixa margem a dúvidas; os *quase-asseverativos* indicam que o falante considera seu conteúdo como quase certo e não se responsabiliza sobre a verdade ou falsidade de P; e os *delimitadores* estabelecem o ponto de vista em que se deve encarar P, estes possuem uma enorme força ilocucionária, pois para os autores representam uma negociação entre os interlocutores. Tal negociação é fundamental à manutenção do diálogo, bem como ao estabelecimento de diversas relações entre os interlocutores.

Já a respeito do sistema deôntico, Hoffnagel (1997) salienta sua relevância para táticas de persuasão e polidez, como estratégias de ação social. A autora (1997, p.5) explica ainda que a modalidade deôntica “trata da atitude do falante sobre o grau de obrigação que se atribui à realização de certas ações”. Nesse caso, tem-se a possibilidade de analisar se o locutor obriga o interlocutor a realizar ou deixar de realizar determinada ação, assim também a acompanhar ou não o seu posicionamento.

Buscando analisar o fenômeno de modo mais amplo do que foi visto por Parret, Koch (2004) se baseia nos estudos de Blanché (1969), retomando o estabelecimento realizado por ele da tríade dos contrários como sendo básica, já que se trata de um conceito parcialmente afirmativo e também negativo, rejeitando igualmente a totalidade e a nulidade, e, conseqüentemente, situando-se entre afirmação total e negação total. Nesse caso, apresenta a tríade A, E e Y, em que A é o necessário, E o impossível e Y o termo neutro. A partir dessa regulação, é que Blanché postula a tríade dos subcontrários I, O e U, responsáveis pela disjunção, como representado no hexágono lógico que reproduzimos a seguir:

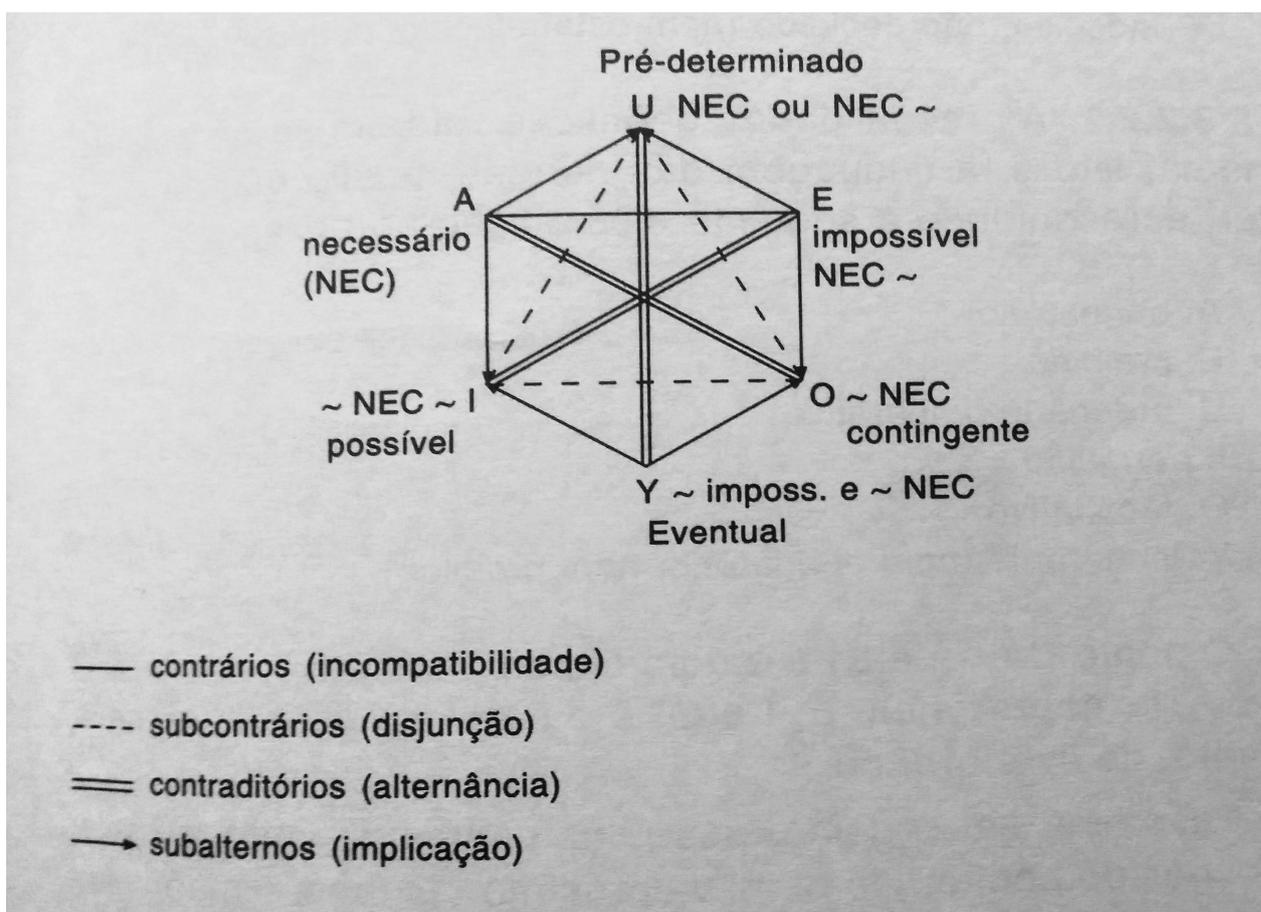


Figura 01: Hexágono lógico de Blanché
Fonte: Koch (2004, p. 75)

Koch ainda explica que, se o escritor ao produzir seu texto der prioridade às modalidades que se situam na parte superior do hexágono de Blanché (A, E, U), independentemente de pertencer ao eixo epistêmico ou deôntico, o discurso se apresenta como autoritário, estando no campo da necessidade, da certeza, do imperativo, das normas. Neste caso, a pesquisadora analisa o posicionamento do locutor e seu grau de engajamento em relação ao dito.

Vejamos o que esclarece a professora:

O locutor procura manifestar um saber (explícito ou implícito) e obrigar o interlocutor a aderir ao discurso, aceitando-o como verdadeiro. Tem-se, aqui, o grau máximo de engajamento do locutor e a intenção de impor ao alocutário os seus argumentos, apresentados-os como incontestáveis (eu sei, portanto, é verdade). (KOCH, 2004, p.85-86)

Da mesma forma, diz a autora que as modalidades situadas na parte inferior do hexágono (I, O, Y) revelam que o produtor do texto insere seu discurso no campo da

indeterminação, do livre arbítrio, da liberdade, tem-se o discurso polêmico (eu acho, portanto, é possível...). Já nesse caso, o locutor parece negociar com o alocutário o dito.

Vamos acompanhar o raciocínio da linguísta para essa outra parte do hexágono:

O locutor não impõe (ou finge não impor) a sua opinião, ainda que se trate de mera manobra discursiva, deixando (ou fingindo deixar), assim, ao alocutário a possibilidade de aceitar ou não os argumentos apresentados, de aderir ou não ao discurso que lhe é dirigido (KOCH, 2004, p.86).

Enquanto nos contrários, tem-se o grau máximo de engajamento, nos subcontrários, tem-se o grau mínimo. Já na análise da enunciação, Dubois (1978) distingue outros conceitos: a distância, sendo máxima, o sujeito considera seu enunciado como parte integrante de um mundo distinto dele mesmo; sendo mínima, é o fato do enunciado totalmente assumido pelo sujeito; a transparência está relacionada com a presença ou o apagamento do sujeito da enunciação (objetividade, subjetividade, respectivamente); a tensão registra as relações entre o autor e leitor por meio do texto, ou seja, a necessidade e obrigatoriedade marcarão a tensão mínima, já que são observadas como verdade, e a possibilidade marcará a tensão máxima, por deixar em aberto a adesão a essa verdade.

Nascimento (2010) aprofunda a compreensão da modalização deôntica para além de obrigatoriedade e permissão (possibilidade). O autor defende o uso de modalizações deônticas como estratégia semântico-argumentativa e pragmática. Entendido dessa forma, o recurso confere ao texto um posicionamento do enunciador em relação ao dito, um ponto de vista, uma avaliação sobre a proposição. Assim, constroem-se pistas de leitura deixadas pelo produtor do texto.

Para além da obrigatoriedade, Nascimento (2010, p. 35) identifica nuances na modalização deôntica e argumenta favoravelmente à sua investigação, classificando-a em três tipos, a saber:

1. De obrigatoriedade – quando expressa que o conteúdo da proposição é algo que deve ocorrer obrigatoriamente e que o provável interlocutor deve obedecê-lo;
2. De proibição – quando expressa que o conteúdo da proposição é algo proibido e deve ser considerado como tal pelo provável interlocutor;
3. De possibilidade – quando expressa que o conteúdo da proposição é algo facultativo e/ou quando o interlocutor tem a permissão para exercê-lo ou adotá-lo.

Ainda de acordo com Nascimento (2010) é pouco produtiva a distinção entre modalização (subjatividade) e modalidade (intersubjetividade)². Koch (2004) ressalta que a estratégia da modalidade permite ao produtor do texto, além de determinar a distância relativa em que se coloca sobre o seu próprio enunciado, revelar o maior ou menor grau de engajamento com relação ao que diz e estabelecer o grau de tensão existente entre os interlocutores.

No campo da linguística sistêmico-funcional, Halliday (1985) defende que a modalidade está relacionada à polaridade entre o positivo e o negativo e refere-se especificamente aos graus intermediários entre esses polos. Trata-se então das possibilidades situadas entre os polos, ou seja, está envolvida no que o falante diz, no julgamento a respeito das probabilidades ou obrigatoriedades desse dizer. Segundo essa perspectiva, há dois tipos de possibilidades em trocas de informação (proposições): uma é referente aos graus de probabilidade (variando entre *possivelmente*, *provavelmente* e *certamente*) e outra referente aos graus de frequência (variando entre *às vezes*, *normalmente* e *sempre*). Já em trocas de bens e serviços (propostas), o autor distingue outros dois tipos de possibilidades intermediárias que representam graus de obrigatoriedade (entre prescrição e proscrição), que variam entre *permitido*, *esperado* e *obrigatório*, e graus de inclinação variando entre *desejoso de*, *ansioso por* e *determinado a*. Todavia, o linguista não classifica esses dois últimos graus (obrigatoriedade e inclinação) como sendo pertencentes à modalidade, mas sim ao que chama *modulação*.

Essa distinção que Halliday (1985) propõe entre modalidade e modulação é muito bem resumida por Resende e Ramalho (2006, p. 82), no quadro que reproduzimos a seguir:

Quadro 01 – Modalidade e modulação

TROCA DE	FUNÇÃO DISCURSIVA		TIPO DE INTERMEDIÇÃO		REALIZAÇÃO TÍPICA	EXEMPLO
Informação	proposição (<i>proposition</i>)	afirmação	Modalidade	probabilidade (possível/provável/certo)	verbo modal	Eles devem ter sabido.
					advérbio modal	Eles certamente souberam.
					Ambos	Eles certamente devem ter sabido.
		pergunta		Frequência	verbo modal	Isso pode acontecer.
					advérbio modal	Isso sempre acontece.

² Assim como Nascimento (2010), utilizamos nesse artigo modalização e modalidade como sinônimos.

				(às vezes/ frequentemente/ sempre)	Ambos	Isso sempre pode acontecer.
Bens e serviços	Proposta (<i>proposal</i>)	ordem oferta	Modulação	Obrigaçã (permitido/ esperado/ exigido)	verbo modal	Você precisa ser paciente.
					predicador verbal (-se)	Exige-se que você tenha paciência.
				Inclinação (desejo/ ansiedade/ inclinação)	verbo	Eu quero ajudar.
					predicador adjetivo	Estou determinado a ajudar.

Fonte: Resende e Ramalho (2006, p. 82).

Fairclough (2003), diferentemente de Halliday, não distingue modalidade de modulação. Podemos aproximar seu pensamento das ideias de Koch (2004), já que compreende as modalidades como relacionadas muito mais aos graus de comprometimento das pessoas com o que dizem do que em relação ao que fazem ao dizer. Para ele, fazer afirmações, perguntas (ou seja, trocar informações na perspectiva de Halliday), demandas ou ofertas (isto é, trocar bens e serviços para Halliday) são funções discursivas relacionadas à modalidade.

O analista crítico do discurso salienta que, ao fazer *afirmações e perguntas* (trocar conhecimentos), a pessoa se vale de um tipo de modalidade chamada *epistêmica* (inserida no eixo da crença) que, além de reportar-se ao conhecimento tido de um estado de coisas, revela o comprometimento com a 'verdade'; enquanto que, ao fazer *demandas e ofertas* (trocar atividades), a pessoa faz uso de um tipo de modalidade inserido no eixo da conduta – a *deôntica*, que revela o comprometimento com a obrigatoriedade ou necessidade. Assim, o pesquisador inclui os polos positivo e negativo, diferentemente de Halliday que previu graus intermediários entre tais polos (GOMES, 2013).

Fairclough (2003) propõe uma *modalidade categórica* em relação às modalidades epistêmicas e deônticas. Ademais, promove distinções temporais entre o hipotético e o não-hipotético. O linguista ainda sugere diferentes graus de afinidade, ao distinguir a *modalidade objetiva*, aquela em que não há clareza sobre o ponto de vista privilegiado na representação, da *modalidade subjetiva*, quando a afinidade expressa do falante é explicitada.

No discurso, é importante perceber que o falante utiliza certas estratégias linguísticas que, além de revelarem engajamento com o que é dito, expressam seus interesses, suas vontades com relação ao interlocutor. Por essa razão, as modalidades são consideradas estratégias pragmáticas porque expressam parte da atividade ilocucionária (GOMES, 2013). Como propõe Koch (2004), a importância de estudar as modalidades centra-se na busca de

construir sentidos, bem como na compreensão do relacionamento entre enunciador e enunciados, já que, para a pesquisadora, a atitude do falante sobre o que diz é revelada através das modalidades.

Retomando Koch (2004), entendemos que as modalidades epistêmicas compreendem o que é *verificado* (como certo ou estabelecido), *desmentido* (excluído), *decidido*, *plausível*, *contestável* e *indeciso* (não decidido, aquilo que nem é estabelecido, nem é excluído). A pesquisadora explica também que a modalidade deôntica revela a força ilocucionária do discurso por estar ligada ao que deve ser feito, ou seja, por ser a linguagem das normas. Assim, Fairclough (2003) defende a relevância da modalidade na construção discursiva de identidades porque uma parte considerável do que a pessoa é está expressa no quanto ela se compromete com o que diz. A seguir, investigamos as estratégias mais recorrentes e os sentidos produzidos por elas em campanhas publicitárias de saúde.

3 Graus de comprometimento com o dito: a saúde e você

O texto publicitário, de tipologia argumentativa, é construído com o propósito comunicativo de convencer o interlocutor a consumir um produto ou aderir a uma ideia. Entretanto, conhecer as nuances dessas produções nos permite desvelar os graus de engajamentos e os múltiplos propósitos em jogo. Explicitar os sentidos envolvidos nessas produções é o nosso objetivo nesse tópico.

Foram selecionados 10 exemplares de volantes/panfletos de diferentes campanhas de saúde, com vistas a educar a população. Nestes, analisamos 21 ocorrências, sendo 12 deônticas e 09 epistêmicas. Nosso objetivo é investigar se o discurso nesses textos se configura mesmo como autoritário ou não, de acordo com os postulados em que nos fundamentamos. Classificamos as ocorrências de acordo com os vários tipos de lexicalizações que servem ao recurso da modalização: advérbios, verbos auxiliares, modo imperativo...

No campo das modalidades deônticas, analisamos: os advérbios (1), os verbos auxiliares *dever* e *poder* (2) e (3), o uso do infinitivo (4), o uso do imperativo (5), os verbos *ter* e *precisar* (6) e (7) e o uso de predicados cristalizados (8):

(1) Exigências técnicas/estrutura

- RESERVATÓRIOS limpos, desinfetados e *devidamente* tampados;
- SANITÁRIOS para ambos os sexos *separadamente* e *não poderão ter* comunicação direta com as áreas de manipulação e consumo de alimentos;

Ambos os advérbios “*devidamente*” e “*separadamente*” impõem obrigações ao interlocutor. Porém, “*devidamente*” não modaliza toda a proposição P, mas apenas parte dela, só uma característica dos reservatórios. Já, “*separadamente*” revela-se também como dever, mas refere-se a toda a proposição. Os dois termos demonstram um alto engajamento do escritor com seu discurso, expondo sua intenção com relação ao leitor como um dever; no caso, exigências de que os serviços de alimentação têm de apresentar para conseguir a autorização de funcionamento.

Vejamos outras ocorrências:

(2) Quem *deve tomar* a vacina?

Todos os homens e mulheres com 60 anos ou mais idade, (...) *devem tomar* a vacina contra a gripe no posto de vacinação.

(3) Sem título

(...) Você *pode usar* um filtro solar com fator de proteção mais baixo...

Em (2), o verbo auxiliar “*devem*” indica uma obrigação. Este modalizador está no eixo da conduta, representa uma norma. No caso, o escritor se compromete com seu enunciado e o impõe, ou deseja impor, ao interlocutor. Tem-se, pois, a tensão mínima, uma vez que a adesão a P apresenta-se como imposição. Já em (3), o auxiliar modal “*pode*” revela uma permissão deôntica. Estabelece-se, no caso, uma tensão máxima, já que a adesão à P fica em aberto (cabe ao leitor usar ou não filtro solar).

No exemplo 4, temos:

(4) Como prevenir

- *Lavar e desinfetar* frutas e verduras.

Nas duas ocorrências, presentes no exemplo, o infinitivo pertence ao eixo da conduta. O produtor do texto se engaja com seu discurso e requer uma atitude do leitor. São normas que devem ser seguidas. A prevenção do cólera é responsabilidade do leitor (cidadão).

Tratam-se de modalidades do tipo obrigatoriedade deôntica (NASCIMENTO, 2010), cabendo ao interlocutor seguir, obedecer rigorosamente às orientações. Percebe-se nesses usos que não há espaço para que o interlocutor realize outra ação que não a determinada pelo locutor. Ou seja, a prevenção, assim como o tratamento do cólera, é obrigatória ao cidadão.

Vejam outras ocorrências deônticas:

(5) Sem título

Nunca *pare* o tratamento. Ele é pra vida toda. *Obedeça* às orientações das equipes de saúde e *participe* sempre das atividades.

As três ocorrências pertencem ao eixo da conduta, caracterizam atos diretivos de fala que são próprios de interações espontâneas. O escritor se compromete e cria uma tensão mínima, revela conselhos que “exigem” a ação do leitor, se ele quiser manter-se bem. Tratam-se de usos próprios de modalidades do tipo obrigatoriedade (NASCIMENTO, 2010), impondo ao interlocutor a obediência como única ação.

Observamos nos três casos que, embora deixem a ação para o interlocutor, os atos são impostos ao interlocutor que deve seguir com rigor os procedimentos indicados.

Vejam mais dois recortes:

(6) O Recife contra a dengue

você *tem que* participar desta luta!

(7) Sem título

A dengue se tornou uma epidemia nacional. A prefeitura *está lutando contra* o mosquito transmissor. Os agentes de saúde ambiental *estão nas ruas combatendo* os focos e realizando um trabalho educativo com a população.

(...)

O Recife *precisa de* você.

Ambas as ocorrências são deônticas. A primeira é uma obrigação que o escritor deseja impor ao leitor, criando uma tensão mínima. De acordo com os tipos de modalidades apresentados por Nascimento (2010), temos uma obrigatoriedade que o interlocutor deve cumprir. Já em (7), a modalização expressa uma necessidade que o escritor também deseja impor ao leitor que não tem outra coisa a fazer, que não seja, aderir a P. O texto revela não só a intenção de educar o leitor quanto aos riscos da doença e à necessidade que todos se mobilizem, mas também, faz questão de salientar que a prefeitura está trabalhando. Logo, o “produtor” faz também uma autopromoção.

Finalizando as ocorrências deônticas, temos:

(8) Sem título

...Mas *é preciso* ter cuidado com o risco de contrair algumas doenças sexualmente transmissíveis (DST), principalmente Aids.

O predicado apresenta-se como uma necessidade, tem-se a proposição no eixo da conduta. O leitor recebe a assertiva como verdade. Cria-se uma tensão máxima, pois a adesão a P fica em aberto. Embora o escritor dê alguns conselhos, a responsabilidade fica por conta do leitor.

Se considerarmos o que Nascimento (2010) propõe, temos uma modalidade deôntica do tipo 3, ou seja, trata-se de uma possibilidade, pois expressa que o conteúdo da proposição é algo facultativo, ficando à critério do interlocutor a decisão de adotá-lo.

Já no campo das modalidades epistêmicas, analisamos: os advérbios (9) e (10), o verbo auxiliar poder (11), o uso de predicados cristalizados (12) e verbo de atitude proposicional (13):

(9) Para aliviar o desconforto do ciclo menstrual

Alguns sintomas desagradáveis *podem ocorrer* associados ao período menstrual (...) que *geralmente* antecedem em cerca de 7 a 10 dias. As cólicas, em alguns casos severas, *normalmente* acontecem junto com a eliminação do fluxo menstrual.

Apesar do desconforto, ainda que *possa parecer* contraditório, estes sintomas indicam que seu organismo está funcionando *corretamente*, mantendo o ciclo normal.

(10) Da 29^a a 32^a semana

O bebê pesa um quilo e meio e mede 39 centímetros. Seus pulmões já estão *quase* prontos: se ele nascer, já *pode respirar*.

No exemplo (9), o advérbio “geralmente” é um epistêmico delimitador, está delimitando o ponto de vista da asserção (não é sempre que os sintomas antecedem a menstruação). O mesmo acontece com “normalmente”. Ambos revelam o distanciamento do locutor de sua proposição, já que, o grau de confiança em P não é imposto como uma regra. Por sua vez, o advérbio “corretamente” é um epistêmico asseverativo, uma vez que não deixa margem a dúvidas, certeza reafirmada pela utilização da locução prepositiva “apesar de” e pela locução conjuntiva “ainda que”.

O advérbio “quase” presente no exemplo (10) delimita o conteúdo da proposição. Há, pelo menos aparentemente, um distanciamento entre o escritor e discurso. E a tensão criada está no grau máximo, pois a adesão à verdade permanece em aberto. Observem outra ocorrência:

(11) A vacina *pode provocar* gripe?

Não. A vacina *nunca poderá provocar* gripe porque na sua composição tem *apenas* pedaços de vírus mortos. Portanto, não existe risco de contrair gripe por meio da vacina.

Neste caso, o auxiliar modal “pode” se comporta, na primeira ocorrência, como uma possibilidade epistêmica. Não há a certeza de que provoque a gripe, por isso mesmo, está se interrogando sobre essa possibilidade no eixo da crença.

Já na segunda, indica uma impossibilidade epistêmica. Há uma negação total de que a vacina provoque a gripe, marcada pelo advérbio “nunca”. Entretanto, a tensão criada revela-se no grau máximo, pois a adesão a P é uma incógnita em ambos os casos.

(12) Sem título

(...) *é possível* evitar o aparecimento de doenças graves no coração, no cérebro, nos rins, nos olhos e nas artérias. *É importante* que você *tome corretamente* seu remédio e não *interrompa* o tratamento.

No exemplo acima, as duas ocorrências revelam que o escritor não se compromete. No primeiro caso trata-se de uma possibilidade, logo, a tensão é máxima. Já no segundo, tem-se uma crença em relação à asserção. A tensão criada também é máxima, já que a adesão fica a critério do leitor. Há então uma transferência de responsabilidade entre escritor e leitor.

Observem um último caso:

(13) Sem título
Chefe, *acho que* agora encontraremos o lugar ideal.

No caso acima, o autor não se engaja totalmente com o conteúdo da asserção, pois não confia totalmente no seu discurso. Tem-se uma crença em relação à asserção, uma possibilidade. Estamos diante do chamado discurso polêmico, a tensão está no grau máximo. Esse tipo de ocorrência não é muito comum em tais textos, mas aparece graças à diversidade de gêneros integrados aos panfletos (o exemplo se encontra num panfleto em forma de história em quadrinhos).

Com essa breve análise, esperamos ter deixado claro como o recurso das modalidades é eficiente e produtivo em tais textos, servindo a interesses diversos e mobilizando uma série de ações com as quais o locutor se compromete mais ou menos. O resultado revela ainda que o discurso em tais textos tem uma tendência a ser autoritário, de acordo com o hexágono de Blanché.

4 Considerações finais

A diversidade de modalizadores presentes no gênero escolhido surpreende, uma vez que esperávamos uma listagem de normas, de leis, utilizando-se basicamente dos modos imperativo e infinitivo, até porque as campanhas publicitárias de saúde, divulgadas em *panfletos educativos*, se enquadram no domínio discursivo instrucional. O resultado, embora não revele os números reais da utilização de modalizadores epistêmicos e deonticos, mostram a variedade de lexicalizações que servem a essa estratégia em tais textos. O que quisemos foi apresentar um panorama mais global.

Percebemos, na verdade, que este gênero se utiliza desse recurso com interesses muito mais diversos que listar normas para educar a população em saúde. Fica claro que na maioria dos casos o escritor se engaja com o conteúdo de sua proposição e que tem a intenção, muitas vezes, de impor o mesmo ao leitor. Também se distancia quando isso é importante à construção de sentido.

Porém, chamamos a atenção para os distintos interesses que permeiam a interação, pode ser de fato a saúde do cidadão, como também uma propaganda política. É preciso lembrar que tais textos são produzidos pelos governos federal e municipal, visando sobretudo a população mais carente que é a usuária do Sistema Único de Saúde (SUS), local de maior circulação dos panfletos. Logo, porque não aproveitar o momento e deixar “um recado”?

Sendo assim, fica clara a importância desse estudo para a construção de sentidos em interações reais. Pois, como assegura Coracini (*apud* NEVES, 1996, p. 195), “as modalidades constituem verdadeiras estratégias retórico-argumentativas, na medida em que pressupõem uma intencionalidade discursiva, não podendo ser isoladas do ato de fala em que estão inseridas”.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2004.
- CASTILHO, A. de; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. *In*: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**: níveis de análise linguística. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992, p. 213-261.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. v. **Modalização**. Tradução Frederico Pessoa de Barros et al. Dir. e Coord. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 413.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- GOMES, J. **Tudo junto e misturado**: violência, sexualidade e muito mais nos significados do funk pernambucano/ “É nós do Recife para o mundo”. Recife. Tese (Doutorado em Linguística) — Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- HALLIDAY, M. **An introduction to Functional Grammar**. London: British Library Cataloguing, 1985.
- HOFFNAGEL, J. As modalidades epistêmica e deôntica em textos acadêmicos falados e escritos. Trabalho apresentado na XV Jornada de Estudos do Nordeste. **Mimeo**. 1997.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo, Cortez, 2004.
- NASCIMENTO, E. P. de. A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 30-45, jan./jun. 2010.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. *In*: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 163-200.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2011.

Data de recebimento: 8 de maio de 2019.

Data de aceite: 30 de julho de 2019.